

Poesía de fornterira e resistênciã: militantismo antihegemônico *

Border poetry and resistance: activism anti hegemonic

ROSSEMILDO DA SILVA SANTOS

Instituto Federal do Acre – IFAC – Campus Sena / NEABI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e indígenas, Brasil
rossemildo.santos@ifac.edu.br

Cómo citar: Da Silva Santos, Rossemildo, «Poesía de fornterira e resistênciã: militantismo antihegemônico», *TRIM*, 14 (2018): 45-60.

Resumo: A poesia contemporânea, em suas diversas maneiras de manifestação, esconde-se não somente nos rincões abastados dos grandes centros culturais, mas também nos espaços destes afastados, os quais, embora tenham sido “descobertos” há séculos, agora é que começam a ser trazidos à luz graças a estudos que os quitam da obscuridade canônica histórica. Este trabalho procura mostrar um desses aspectos, através de uma leitura da poesia que chamamos de fronteira, por estar no espaço de encontro de estados brasileiros com território continuado, mas sobretudo por comungarem de aspectos que as aproximam. Para tanto, os textos de Thiago de Mello (Manaus) e Francis Mary (Acre) protagonizam vozes de reivindicação desses indivíduos tintos com a cor local, a das Amazônias.

Palavras-chave: Poesia contemporânea; Thiago de Mello; Francis Mary; Amazônias.

Abstract: The contemporary poetry, in their various ways of manifestation, hides notonly in affluent places of great cultural centers, but also in these spaces apart, wich, althoughit has been “discovered” for centuries, is now beginning to be perceived because of studies that take the historical canon dark. This article shows one of these aspects, through a look to the poetry we call ‘of the borders’, for being the meet place of the states with territory continued, but especially by commune aspects that approach. To this end, Thiago de Mello (Manaus) and Francis Mary (Acre) texts protagonists claim voices of these individuals painted with local color, of the “Amazons”.

Keywords: Contemprrary poetry; Thiago de Mello; Francis Mary; Amazons.

* O tema está baseado na proposta de dissertação do ‘*Mestrado em Letras: linguagem e Identidade*’ defendida em março de 2010 na Universidade Federal do Acre e que se intitula ‘*Poesia de Fronteira: resistência e movimento na poética amazônica de Carmen Elsy Alpire, Fracis Mary, Javier Dávila Durand e Thiago de Mello*’.

A arte amazônica tem recebido novos e críticos olhares face à atenção que o mundo tem dado à região. Isso se deve aos debates acerca do buscar entender as realidades dos sujeitos amazônidas, o processo de sua constituição como tal e as várias vozes engajadas nesse reconhecimento.

A fim de alavancar o processo que já se iniciou nesse rumo, o presente trabalho busca a arte poética como um dos vieses representativos desse fazer identitário. Objetivamos fazer um levantamento dos poetas que têm como ponto em comum a poesia como categoria de engajamento social, como veículo de denúncia e reivindicação às populações de dentro das Amazônias do Brasil, embora o total do trabalho de onde este foi inspirado trate especialmente da região de fronteira entre Brasil, Bolívia e Peru. Para tanto, baseamo-nos nas publicações desses “poetas-símbolo” em suas cidades de atuação, a saber, no Brasil, respectivamente em Rio Branco (Acre) e em Manaus (Amazonas), Francis Mary e Thiago de Mello.

De Thiago de Mello, da obra *Mormaço na Floresta* (1981), temos a poesia *Lição de Escuridão*, que retrata a vida do caboclo amazônico em sua labuta diária e exaustiva nos rincões recônditos da região; em *Poesia Comprometida com a minha e a tua Vida* (1983), a poesia *Cantiga do Caboclo* canta a vida dos vários sujeitos que têm a beira dos rios e o verde como constantes vizinhos, assim como suas agruras singulares.

De Francis Mary, do poemário *Gota a Gota* (1981), são analisadas as poesias *América*, que de igual forma marca os sofreres de um continente arrasado pela ganância de seus colonizadores; e *Mensagem*, uma amostra da vida simples e subjugada das comunidades amazônicas no Acre, metáfora do todo; de *Pré-Históricas e outros Livros* (2004), *A Baleia* conta da memória das migrações dos povos para dentro do mais verde pedaço do universo.

Queremos, com esses poetas e os poemas citados, mostrar ao leitor deste trabalho que a poesia é um instrumento de testemunha das diversas migrações para a região amazônica nos diferentes países que ela ocupa; os poetas se preocupam, assim, em fazer sempre memorável esses átomos históricos em que, por necessidade dos próprios sujeitos ou por condições

efetivadas pelo próprio sistema econômico imperante, vidas aos milhares são precipitadas à selva em busca de condições de vida melhores e oportunidades. Tentamos verificar que a poesia é um instrumento de engajamento social, de denúncia em favor dos povos oprimidos na Amazônia, seja nas datas das publicações das obras seja no presente momento igualmente. Que a poesia é um veículo de denúncia das condições desequilibradas da modernidade para os sujeitos que a ocupam.

Queremos mostrar que, como afirma Maysa Dourado (DOURADO, 2008, p. 63), citando Simic, “[...] o mundo é malvado, estúpido, violento, cruel [...]. E você precisa dizer algo. Um poeta que ignora o mundo é desprezível. Acho o narcisismo de muita poesia recente obscuro. Não me importa que as pessoas falem sobre elas – todos nós falamos – mas o tempo todo!”.

Assim, converte-se em linguagem a alma moderna, uma tarefa de evasão do e para o mundo, sobretudo nas Amazônias retratadas por esses poetas engajados numa percepção da região de maneira completa, de dentro para fora, mesmo que muitas vezes solitária e sem tanta repercussão quanto suas crenças o permitiam. Ainda assim, aventuram-se nesse fazer cultural poético, perseguidos pelas ditaduras, silenciados pelos seus algozes, não incentivados pelos governos, sem recursos financeiros e não motivados a não ser pela satisfação da arte e de defesa artística das suas gentes e de seu território mundialmente assediados.

Mas como são essas Amazônias na poesia? Como os autores apreendem o local poeticamente? Que imagens fosforescentes eles captam nesse trajeto histórico de constituição regional e de migração infreável que viveu e vive o mundo e, especificamente, a Amazônia? Que obras representam essa utilização de vocábulos nativos? Há um *flash* espacial na poesia desses autores que capturam esse átimo "espiritual" moderno? Como essas artes se tornam testemunhas de horrores sofridos pelos corpos locais? Como elas são vozes engajadas em favor dos oprimidos?

No frontispício da obra de Thiago de Mello, poeta amazonense, *Poesia Comprometida com a minha e a tua vida* (1983), Paulo Freire escreve ao amigo descrevendo sua poesia como “um grito de amor e de

esperança, esperança na manhã de um amanhã de liberdade que homens e mulheres, oprimidos hoje, teremos de criar”, e como um poeta que “propõe aos oprimidos um discurso diferente – sua palavrção. Um discurso permanente, que abalará vales e montanhas, rios e marés e deixará atônitos e medrosos os atuais donos do mundo”.

É nesta obra que encontramos *Cantiga de Caboclo* uma de suas poesias que dialoga, no sentido de testemunha da opressão causada pelas forças de poder da ideologia homogeneizante eurocêntrica sobre as Amazônias, com os poetas que para nosso trabalho escolhemos. Ela canta:

Cantiga de Caboclo

O canto de despedida
vai disfarçado de flor.
É feito para o caboclo
do barranco sofredor.
Pra eles que não vão ler nunca
estas palavras de amor.
Amor dá tudo o que tem:
dou esta rosa verdadeira
levando a clara certeza
da vida nova que vem.
Canto para os curumins
nascidos iguais a mim,
vida escura, e tanto verde!
canao, vento e capim.
Canto para o ribeirinho
que um dia vai ser o dono
do verde daquele chão.
Tempo de amor vai chegar,
tua vida vai mudar.

Socorro Santiago (SANTIAGO, 1986, p. 26) esclarece que o caboclo é o “tipo humano característico do estado do Amazonas, bem como da maior parte da Região Amazônica, resultante da mestiçagem do branco com o índio”. O caboclo da beira do rio tem sua vida limitada por dois infinitos: o rio, “oceano de água doce que tende para o oceano salgado”, e a floresta. No poema, o eu-lírico não se refere ao homem metropolitano das grandes cidades amazônicas. Ele se dirige e se refere aos que não sabem ler, aos humilhados, aos marginalizados pelos governos que ocupam a região. Não apenas de um sujeito à margem, mas de sujeitos.

O eu - lírico é um cantor esperançoso, tendo nesta a consolação pelas paisagens pauperizadas visualizadas nas Amazônias. Os sujeitos lançados ao esquecimento reaparecem reivindicando, rompendo com a lógica de marginalização planejada pelos poderes ocupantes da região. Ele canta a partir de um espaço onde se percebe a multitemporalidade, em que tempos se superpõem cindidos entre o moderno, o sofisticado, na metáfora da vida que vai mudar, e o atrasado, o bárbaro, o marginalizado, dos não-letrados que “não vão ler nunca/ estas palavras de amor”.

Essas múltiplas temporalidades chocadas provocam o que a América Latina tem de mais singular entre suas heterogeneidades: é no choque delas que as identidades americanas são forjadas. O barranco que sofre é um personagem plural silenciado pelo poder da cidade letrada de Angel Rama em oposição aos “que não vão ler nunca”.

O eu – lírico é um personagem identificado, marcado igualmente pela dor desse adjetivo substantivado: o sofredor. Os curumins, o ribeirinho têm um nascimento “iguais a mim”, mostrando essa voz solitária unificada de gentes diferentes que convivem em suas fronteiras, comungando dores, sofrimentos e identidades construídas.

A temporalidade presenciada pela ação poética denuncia os encontros das gentes nos territórios da fronteira, no entre-lugar. A configuração da identidade local se dá por esse viés dos percursos desses milhares que, à mercê do tempo e da força da História, flagram-se despidos de suas vidas, doados à vida de outrem.

Esses encontros de várias etnias, crenças, raças e cosmogonias delineiam o mosaico conflitivo do movimento que atua sobre esses corpos e os fazem migrantes pelas estradas do político e do histórico.

É um “convívio tensionado”, em que “vários e diferenciados pólos” conflitam na “terceira margem”. São, concordando com Marli Fantini (FANTINI, 2002, p. 165) a propósito de suas reflexões sobre alguns recortes do romance *Grande Sertão: Veredas* e do conto *A Menina de Lá*, “entre-lugares fronteiriços onde surge a oportunidade de intercâmbio entre categorias distintas e mesmo polarizadas” (FANTINI, 2002: 175). E que “bem e mal, centro e periferia, razão e intuição, arcaico e moderno, um sem-número de leituras de mundo, com o imbricamento e a superposição de línguas contrabandeadas de formações culturais de

variadas procedências” (FANTINI, 2002, p. 166) passeiam pelos versos de Thiago de Mello revelando o flagrante da formação das identidades locais e seus encontros e passagens.

Esse convívio do diverso, que agencia o choque de distintas temporalidades exemplifica o ambíguo processo de modernização da América Latina. A cartografiado continente mesmo denota a potencialidade de novas formas de encontros, de fronteiras que se refazem e reconstruem, de novas formas de hibridez e diglossia. É possível, assim, verificar situações de constituição identitária possíveis apenas nesses locais entre, espaços do interstício, regiões de possibilidades.

A solidariedade ainda é possível nesse ambiente de modernização insensível. As gentes trocam o que lhes é acessível: essas zonas de troca são as fronteiras deslocadas nesse ambiente líquido, potencialidade escondida na metáfora da promessa do eu – lírico: “dou esta rosa verdadeira”.

Esses surgimentos de vozes silenciadas pelos poderes citadinos fazem constante enfrentamento e ameaçam o avanço do ideologismo capital da modernização, resistindo aos poderes que lhes são estranhos, porém sentidos, longes, porém presentes, invisíveis, mas que fazem cantar a “despedida” de suas identidades anteriores em função de uma a ela acoplada, ainda que de ambas as partes haja deterioração de seus *ethos*.

Esta é uma poesia engajada no social, que marca o percurso de vários sujeitos amazônicos, que revela o invisível, que traz à tona o que a sociedade se nega em enxergar, o homem tornado coisa.

Outro poema do mesmo autor que revela a mesma situação dos homens amazônicos é “Lição de Escuridão”, este publicado em *Mormaço na Floresta* (1981). Lemos:

Lição de Escuridão

Caboclo, que me ensinas os caminhos dos ventos,
me levas a ler, nas lonjuras do céu,
os recados escritos pelas nuvens,
me avisas do perigo dos remansos
e quando devo desviar de viés a proa da canoa
para varar as ondas de perfil.

Sabes o nome e o segredo de todas as árvores,
a paragem calada que os peixes preferem
quando as águas começam a crescer.
Pelo canto, a cor do bico, o jeito de voar,
Identificas todos os pássaros da selva.
Sozinho (eu mais Deus, tu me explicas),
atravessas a noite no centro da mata,
corajoso e paciente na tocaia da caça,
a traição dos felinos não te vence.

Contigo aprendo as leis da escuridão,
quando me apontas na distância da margem,
viajando na noite sem estrelas,
a boca (ainda não consigo ver) do Lago Grande
de onde me fui pequenino e te deixei.

De novo no chão da infância,
contigo aprendo também
que ainda não tens olhos para ver
as raízes da tua vida escura,
não sabes quais são os dentes que te devoram
nem os cipós que te amarram à servidão.

Nos teus olhos opacos
aprendo o que nos distingue.
Já repartes comigo a ciência e a paciência.
Quero contigo repartir a esperança,
Estrela vigilante em minha frente
E em teu olhar apenas um tição
Encharcado de engano e cativo.

O eu lírico neste poema, com remorsos nas primeiras estrofes, deslumbra-se com a sabedoria do homem habitante da floresta. Reconhece toda a instrução que há mesmo naquelas subcondições de vida, está estupefato com o acúmulo de conhecimento sobre o ambiente por parte de um sujeito que não recebeu um ano de estudo secular em instituição oficial, mas que, mesmo assim, sabe os segredos da escuridão e sobrevive em ambientes ermos, contrário do homem da cidade/ branco.

O privilégio da comunidade letrada (RAMA, 1984, p. 112) sobre a iletrada formou um ideal de que a sociedade e ser humano perfeitos são o resultado desse processo longo e, incluso, violento. A não adequação às

normas dessa comunidade virtualmente divina legaria aos sujeitos às bordas de suas latitudes.

Essa ótica eurocentrista de banimento desses corpos criou, na América Latina, um espaço outro especificamente para esse fim: o terceiro espaço. Nele, o que predomina é o folclore, o conhecimento de mundo, a observação, a oralidade e a experiência. Esses legados não são transmitidos da maneira literata, e sim através da herança cognitiva, onde a memória é o traço superior de transmissão de conhecimento.

A sede do particular como justificativa e como identificação; o desejo do geral como aspiração ao mundo dos valores inteligíveis à comunidade dos homens. Trata-se de fixar o particular. Antes o escritor tendia a preservar a distância com o social, pondo expressões populares entre aspas a fim de marcar o “outro”, definindo, dessa forma, sua posição superior e configurando de maneira paternalista a linguagem e os temas do povo.

Nos dias atuais o esforço do escritor é inverso, propondo um apagamento dessas distâncias sociais e acercando-se do estrato mais popular possível. Se o subdesenvolvimento, desde a gênese da historiografia latino-americana, foi a característica de destaque com respeito às outras literaturas, o artista local assume uma postura sub, do escondido, do marginalizado, das bordas.

As imagens produzidas no poema transcrito acima dão vazão às culturas desprestigiadas nas sociedades modernizadas. O caboclo é o sujeito amazônico, cuja identidade como tal está ameaçada graças à não validade de suas vivências como útil à vida humana que não a sua própria e dos seus. Ele é um sujeito que conhece o “caminho dos ventos”, os “recados escritos pelas nuvens”, “os perigos dos remansos”, sabedoria não válida às instituições do poder que privilegiam a burocracia da patente, do registro, do centralismo a que se deve sempre satisfação.

No polo da resistência, o caboclo é um personagem representativo de sua região, que se enraíza ao local e manifesta-se em defesa de sua tradição. Não só o caboclo, mas o próprio eu – lírico. Este, mesmo com um olhar instrumentalizado, metropolitano, engaja em suas palavras a identidade de tradição regional num jogo de apreciação pela oralidade e reconhecimento das expressões do sujeito.

Além das lições que teve com o conhecimento de mundo do caboclo, o eu –lirico aprende as lições de escuridão. Esta, símbolo não só da falta de modernização do viver do sujeito, mas, sobretudo, da vida apagada que tem. Percebe-se, com efeito, que ao transitar “entre duas águas”, esferas distanciadas entre si, do local ao universal, a voz e a letra, o poema denota a identidade latino-americana, especificamente amazônica, em arte literária.

Essa transculturação, ao mesmo tempo em que é um processo de assimilação, é também um processo de resistência, dado que nem a antiga identidade é apagada nem é completa a adoção da cultura supra regional eurocêntrica. Mesmo atado a uma “vida escura” desde o palco do terceiro espaço de onde atua, envolto a dentes que o devoram ou amarrado à servidão, a leitura de mundo e a própria sobrevivência dos sujeitos marginais causa a desestabilização dos absolutos, passando a vigorar a heterogeneidade e o hibridismo cultural e espaço-temporal.

O espírito de confronto faz-se presente nas linhas finais da poesia. Confronto entre um eu – lírico vigilante por que sabe identificar “os cipós que te amarram à servidão” e a própria realidade dos homens reclamados. As fronteiras da dicotomia entre regional e transnacional, ou natureza e cultura afloram de forma nítida, representados pela vida frugal do ribeirinho e as condições virtuais que lhes deveriam ser de direito enquanto ser humano. A “raiz da (...) vida escura” é vislumbrada inconformadamente pela voz lírica, cujo foco de denúncia está na trajetória de cativo, dos dentes devoradores, porque só a virtude da paciência é a explicação para o contento à vida que o poder centralista lhe subjugou.

Este poema se aproxima do anterior, porque, ao mesmo tempo em que o caboclo sabe viver na escuridão do horror, ele tem uma “vida escura”, dominada, e que, ali naquela vida inocente, ele tem “dentes que [o] demoram”, o “amarram à servidão”, pois seu olhar está “encharcado de engano e cativo”.

Quando Francis Mary, poetisa que representa o Acre, contava com apenas 25 anos, publicou *Gota a Gota*, um conjunto de poesias dos anos de 1976, 1977, 1978, 1980 e 1981, resultado de suas reflexões dessa fase histórica amazônica.

Com essas obras, Margarete Edul Prado de Souza Lopes em *Motivos de Mulher na Amazônia* reconhece o que é comum entre os poetas aqui estudados, a fronteira que os une:

Na verdade, a autora sempre gostou de fazer militância com a sua poesia. Na época em que Chico Mendes era presidente do Sindicato dos Seringueiros, sempre a convidava para recitar suas poesias nas Assembléias Gerais do Sindicato de Xapuri e nos atos públicos realizados em defesa da floresta. Ela se apresentava nas assembleias, com poesias de cunho político, engajadas, inspiradas nas lutas dos povos da floresta. (LOPES, 2006, p. 175)

Pré-históricas e outros livros (2004) testemunha a história da Amazônia, acentuando sua presença na seguinte poesia de Francis Mary. De *Gota a Gota*, a poesia que faz fronteira com outro brasileiro Thiago de Mello é *América* (1983). Embora mais abrangente, pois Francis Mary trabalha a questão dos sujeitos que simbolizam toda a América Latina.

América

América, América
uma pedra no teu peito
o teu povo chora por ti
Ah! América
teu solo molhado de sangue
sofrimentos seculares,
osguilhões dos colonizadores
a morte dos Astecas e Incas
Ah! América
os teus índios profanados,
os teus ritos ultrajados
os jesuítas chegaram
com a cruz numa mão
e a espada na outra
pra te converter
e tu te converteste
até hoje...

Este poema é uma denúncia simbolizada de uma “pedra”, protótipo da dureza e de constância de selvageria incrustada sobre o lugar onde, também simbolicamente, atribui-se ser a fonte dos sentimentos e da emoção: o peito. Denuncia a falta de sensibilidade, a vida moderna que

atropela os valores superiores das sociedades, matando as relações morais e sociais mais belas ainda existentes.

A “pedra”, o “sangue”, o “choro”, a “morte”, o “profanar”, a “espada” são vocábulos representativos de um desconforto causado pelos “guilhões dos colonizadores”. Se antes o religioso era sacro, a modernidade mudou essa estética medieval a outra em que o profano entra em voga, denotando o descrédito da Igreja e ascenso da classe intelectual, da filosofia, da ciência. Esse aspecto divino, no poema, é percebido no próprio continente e em sua gente, cantados como “profanados” e “ultrajados”.

A personificação do continente deixa transparecer um eu-lírico que nos ajuda a compreender a heterogeneidade básica da formação da identidade regional e continental. É um grito lançado ao horizonte e que acaba morrendo quando posto à oposição do silêncio. Essa é a imagem dos sistemas de modernização berçados na Europa e que em territórios latino-americanos encontram forças opostas, diversas e dispersas de resistência.

Esse grito se traduzia num processo de racionalização, onde a Europa passou por um desencantamento e desmoraonamento do mundo religioso e que resultou numa cultura profana. Esse processo de racionalização cultural foi sobre a qual fundamentaram-se as sociedades modernas. O aparato estatal burocrático e a empresa capitalista, face flagrante das nações ocidentais, são configurados sobre esses cimentos.

Como visto, a identidade amazônica aproxima os nossos poetas em suas poesias em reivindicação social em prol desses sujeitos amazônicos de que temos tratado. Ainda em *Gota a Gota, Mensagem* tem muito a nos dizer referente a esse caráter social da poesia de que temos falado.

MENSAGEM

Atenção Maria das Dores
colocação mucuim,
na boca do jacaré,
pão pimenta braba
na comida do patrão,
arruma a trouxa e dá no pé.

Este poema é inspirado em um tempo em que as emissões de rádio eram a única forma de comunicação rápida entre os moradores de um

Acre esquecido pelo tempo e os governos, ainda que hoje muitas comunidades a utilizem como veículo de interação entre o rural e o urbano. As mensagens eram escritas e lidas tais quais estavam, sem que fosse retirado o sabor e a inocência que lhes eram inerentes.

Mas a metáfora escondida, a verdadeira mensagem não se tratava apenas de fugir do patrão. A poesia se reveste dessa forma um tanto divertida para mostrar ao leitor o tipo de trabalho semie escravo mantido com o homem da Amazônia. O nome utilizado para a figura-símbolo do poema, não obstante seja muito comum na região, Maria das Dores nos revela esse tom de agressividade por trás das reações entre quem mora no seringal e os da casa grande. É uma relação de senzala e casa grande, verdadeiramente.

Francis Mary ainda contribui nessa perspectiva engajada com seu poema *A baleia* (2004):

A BALEIA

Nadava balofa
A baleia
Nas histórias
De José Nunes Vieira,
Companheira
Da sua viagem pelo mar,
Da Paraíba para cá.
José Nunes,
Soldado da borracha,
Que tomou Santo Daime,
Aprendeu, ensinou
Amou, envelheceu
E morreu.
Aquele baleia,
No mar verde
Da floresta,
Continua a navegar.

A metáfora da realidade amazônica perfaz o caminho do calvário da migração na/para a região. A baleia é a imensidão das vivências dos inúmeros deslocados representados pela figura singular de José Nunes Vieira. Este é um personagem resumido de todos os indivíduos partícipes da Batalha da Borracha, os conhecidos seringueiros que se tornaram soldados à custa da circunstância.

O poema inicia com a figura do mamífero e termina com o mesmo, mostrando a temporalidade cíclica do evento histórico representado pela metáfora da poesia, rompendo com a temporalidade linear da lógica do capital, de progresso infinito. A baleia ganha vida com as histórias e experiências de José, no primeiro parágrafo. E no último, mesmo com o círculo vital já esgotado pela vida pujante no centro do poema, José Nunes segue vivo nas memórias das suas vivências e deslocamentos a preencher a

imensidão da floresta metaforizada. Sua história única, singular e solitária implícita nessa ciclicidade é reconhecido nas linhas dos versos do poema que mostra uma categoria social latino-americana condenada ao desaparecimento reaparecendo e resistindo aos poderes amordaçantes.

A vida em forma de cauros revela as fronteiras tênues atravessadas pelos josés amazônicos, latino-americanos. As batalhas da existência dos que lutaram por serem brasileiros e suas memórias abrangem uma inquietação do eu - lírico rumo a essa amostragem da relevância de viveres dos anônimos. O mergulho na mitologia e no ingerir a cultura do novo território marcado pelo imaginário das águas (SANTOS, 2015, p. 225) e da fantasia é metaforizado pela figura do paraibano tomando Santo Daime. A poesia, nesse aspecto, dialoga com a vida a partir de sua fresta espacial a que lhe foi legado, a assimilação no novo sujeito da sua nova circunstância, seu novo território, sua nova cultura e modo de ver a vida, característica da arte literária latino-americana, nascida do calor da resistência, da pugna.

Para tal processo, o barco foi um objeto que deu caminho a esses sujeitos deslocados. Eugénia Vilela (LARROSA, 2000, p. 31) revela que o barco é uma heterotopia, já que ele é “um pedaço de espaço flutuante, um lugar sem lugar, que vive por si mesmo, encerrado em si e abandonado, ao mesmo tempo ao infinito (...) e de porto em porto, (...), onde se habita a fuga do desespero”. Os corpos estão dispersos no corpo do mundo, encontrados em um porto comum mesmo vindos de territórios diversos.

Nesse tempo, Iquitos, por exemplo, tinha melhores comunicações com a Europa, por meio do rio Amazonas, que com a cidade de Lima, capital do Peru. Muitos desses homens e mulheres ainda continuam

vivos, inundando a região com seus conhecimentos e experiências. Embora esses sujeitos deixem de existir, as “baleias” de suas trajetórias seguem no mar amazônico, invadem o imaginário de muitos e hibridizam o fazer social de muitas outras comunidades sejam elas locais ou distantes. Esta também é uma poesia de movimento, conta a trajetória de migração dos homens e mulheres amazônicos rumo a uma vida ignota em meio à selva. Os nordestinos, heróis acreanos vindos da Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí, etc. dão à nova terra uma nova possibilidade de leitura, de mescla, de mistura, meio pelo qual, segundo Stuart Hall (2003), a novidade entra no mundo.

Eugénia Vilela tem o mesmo pensamento acerca desses percursos de gentes. Ela defende uma nomadologia em detrimento da história oficial, quando refletindo sobre os trajetos dos corpos humilhados dos orientais. Se esses poetas e poetisas debatios neste trabalho nos interessam agora é por que eles são sujeitos que não fazem parte da história canônica, sendo delas excluídos, mas se metamorfoseiam e reaparecem de forma insólita, inesperadas, “nas linhas de fuga de um campo social” (LAROSSA, 2000, p. 234), em que “os outros criam-se a partir de um movimento centrífugo dos regimes de poder e de verdade” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 386).

Vislumbramos o caráter dessa poesia no Brasil, especificamente no Acre e em Manaus. Espraiamo-las e descobrimos sua natureza verdadeiramente social, reivindicada por Octavio Paz** e Alfredo Bosi**. Numa sociedade da utilidade, a poesia se tornou obsoleta por sua suposta futilidade. Descobrimos o contrário. Nem o poeta nem sua obra estão enfadados ao banimento da sociedade, “a relação desse autor com o passado ao qual ele tenta dar uma forma tem um caráter de um compromisso *ético*” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 386).

Eles são uma classe imprescindível para ela, podem movimentar milhares e sensibilizar a outros com suas reivindicações, solicitações e protestos. Thiago de Mello tem viajado o mundo e recitado incessantemente *Monólogo de Índio*, uma metáfora sempre cheia de significados feita sob os efeitos de uma época marcada pelo tiranismo político-econômico capitalistas e governos sul-americanos. Em *América*,

Francis Mary revela as lutas de uma América protetora de seus filhos contra a sede de sangue levada a efeito pelos conquistadores europeus.

Assim, nas palavras de Seligmann-Silva, refletindo sobre a questão do testemunho como manifestação específica da linguagem, tratando da tentativa de narração da dor, de narrativas que nasceram de pessoas que buscam representar situações históricas determinadas, pelas quais elas (ou outras pessoas) passaram, marcadas pela extrema violência e que exigem uma narração,

na literatura de testemunho não se trata mais de imitação da realidade, mas sim de uma espécie de “manifestação” do “real”. É evidente que não existe uma transposição do “real” para a literatura: mas a passagem para o literário, o trabalho do estilo e com a delicada trama de som e sentido das palavras que constitui a literatura é marcada pelo “real” que resiste à simbolização. Daí a categoria do trauma ser central para compreender a modalidade do “real” de que se trata aqui. Se entendermos o “real” como trauma (...) então fica mais fácil de compreender o porquê do redimensionamento da literatura diante do evento da literatura de testemunho. (...) O testemunho, como vimos, é a voz de um sobrevivente e também enfrentamento por assim dizer “jurídico” com o real (...) e reivindicação da verdade. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 386)

A literatura, a partir desse viés, torna-se um movimento através do qual o que desaparece continua aparecendo através do discurso poético, dado que seu caráter reivindicatório reclama o desastre como objeto do pensamento coletivo de uma sociedade que emerge da resistência. E, mesmo que a literatura, ao dar nome a algo, faça essa coisa desaparecer, ao mesmo tempo ela também a sustenta, dando-lhe refúgio através da palavra e não consiste em ameaça a ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DOURADO, Maysa Cristina (2008), *Poesia em tempos de mal-estar: Chelres Simic e Affonso Romano de Sant’Anna*. Araraquara.
- FANTINI, Marli (2002), “Águas turvas, identidades quebradas: hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem & outras misturas”. In:

- ABDALA JUNIOR, Benjamin (Org.). *Margens da cultura*. São Paulo: Boitempo.
- HALL, Stuart (2003), *Da diáspora*. Belo Horizonte: UFMG.
- LARROSA, Jorge (2001), Tradução de Semírames Gorini da Veiga. *Quaderns de Filosofia*, n. 31, 2000. *Habitantes de Babel: Políticas e Poéticas da diferença*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.
- LIMA, Francis Mary de (2004), *Pré-históricas e outros livros*. Rio Branco – AC: Fundação Cultural Elias Mansour.
- LIMA, Francis Mary de (1983), *Gota a gota*. Rio Branco: [s..n].
- LOPES, Margarete Edul Prado de Souza (2006), *Motivos de Mulher na Amazônia: produções de escritoras acreanas no século XX*. Rio Branco: EdUFAC.
- RAMA, Angel (1984), *La Ciudad Letrada*. Montevideo: Arca.
- SANTIAGO, Socorro (1986), *Uma Poética das Águas*. Manaus: Puxirum.
- SANTOS, Rossemildo da Silva (2015), *Homo viator; homo faber: Brasil en la mirada de viajeros del siglo XIX*. Tese de Doutorado. Universidade de Valladolid, Espanha.
- SELIGMANN-SILVA, Marcio (org.) (2003), *História, Memória, Literatura: O testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, São Paulo: Ed. UNICAMP.